



E o que seria Cosmopolítica? Sobre outros modos de fazer política

And what about Cosmopolitics? On other modes of doing politics

Matheus Henrique Mota FERREIRA
Programa de Pós-graduação em Filosofia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
matheushmf01@gmail.com

Abstract. *This brief article intends to outline cosmopolitics as a theme, as it has been recently worked on by different authors. Cosmopolitics critically revisits a term that is linked to the idea of cosmopolitanism, since its goal is not to think of all humans as equal citizens of a great polis projected throughout the world, but to think precisely about the other-humans (and non-human others) who live beyond the single world within the walls of the polis; and whose practices are, therefore, beyond politics ☐ as a mode of action and collective organization of equal citizens in a polis, a political unit. What is it to do politics with the extra-political (the so-called nature outside the city) and the outer-worldly (that which our Euro-Modern-Western notion of the world cannot conceive of as agents)? Other forms of life, social practices, and ontologies carry with them political implications that need to be taken into consideration. The cosmopolitical discussion is tentatively intends to open up this rich field of conflicts and negotiations. If this brief text succeeds, we will see in the end that there are many shades and 'flavors' of practices and theories in the emerging cosmopolitical landscape.*

Keywords: *Cosmopolitics. Political Ontology. Nature-Culture. Outerworldliness. Supernature.*

Resumo. *Esse breve artigo tenciona apresentar em linhas gerais o tema da cosmopolítica a partir de diferentes autores que o têm trabalhado recentemente. A cosmopolítica retoma criticamente um termo que se liga à ideia de cosmopolitismo, uma vez que seu objetivo não é pensar todos os humanos como iguais cidadãos de uma grande polis projetada em todo o mundo, mas pensar exatamente sobre os outros-humanos (e outros não-humanos) que vivem para além do mundo único no interior dos muros da polis; e cujas práticas se encontram, portanto, para além da política – como modo de ação e organização coletiva de iguais cidadãos de uma polis, enquanto unidade política. O que é fazer política com o extra-político (a dita natureza do lado de fora da*



cidade) e o extra-mundano (aquilo que nossa noção de mundo euro-moderna-ocidental¹ não pode conceber como um agente)? Outras formas de vida, práticas sociais e ontologias carregam consigo implicações políticas que precisam ser levadas em consideração. A discussão cosmopolítica pretende, de forma tentativa, abrir esse rico campo de conflitos e negociações. Se esse breve texto obtiver sucesso, verificaremos ao fim que há diversos matizes e ‘sabores’ de práticas e teorias na paisagem cosmopolítica que se começa a desenhar.

Palavras-chave: Cosmopolítica. Ontologia Política. Natureza-Cultura. Extramundandidade. Sobrenatureza.

Recebido: 06/03/2023

Aceito: 15/09/2023

Publicado: 20/12/2023

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.391

1. Cosmopolítica?

A cosmopolítica excede o campo da política tradicional e faz pensar nos saberes e nas práticas que legitimam alguns a falar por outros, por um povo expandido para uma série de agentes não-humanos (quem fala pelas florestas, pelos glaciares ou pelo carbono que se acumula na atmosfera?); ela se refere a um “pavor” diante do cósmico:

O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos. [...] Poderíamos dizer que o cosmos é um operador de colocação em igualdade [*mise à égalité*], sob a condição de dissociar radicalmente entre colocação em igualdade e colocação em equivalência [*mise en équivalence*], que implica uma medida comum, implicando a intercambialidade de posições. Pois dessa igualdade não se desdobra nenhum “e portanto...” mas, bem ao contrário, o põe em suspensão. Operar, aqui, é criar uma colocação em inquietude [*mise en inquiétude*] das vozes políticas, um sentimento de que elas não definem aquilo que discutem; que a arena política está povoada pelas sombras do que não tem, não pode ter ou não quer ter voz política. (STENGERS, 2018, p.447)

Stengers é provavelmente a primeira autora a abordar a cosmopolítica por uma nova chave, que inspira uma reavaliação tanto das práticas do conhecimento científico em sua matriz euro-ocidental, como gera uma possibilidade para o diálogo entre diferentes matrizes de

¹ Uma noção de mundo euro-moderna-ocidental se refere à visão hegemônica em tempos de globalização e capitalismo tardio, sendo derivada não da ‘Europa em geral’, mas do momento particular em que, através da colonização das Américas do século XVI em diante, e da competição inter-imperialista e neocolonial na Ásia e África a partir do século XIX, a formação particular dessa Europa modernizada pela colonização alheia se dispersa por todo o globo. O ‘ocidental’, contudo, serve de complemento: o Ocidente é não só o nome dessa Europa moderna, mas tem, principalmente a partir do século XX, o seu centro deslocado para os EUA. Em tempos de neoimperialismo econômico e cultural, o maior vetor de impulsionamento do mundo euro-moderno-ocidental se encontra na América do Norte.

conhecimento (diferentes cosmovisões ou cosmossensações ou cosmoapreensões como se prefira). Diálogo aqui, como salienta a autora na citação, não deve ser atribuído a um tipo de ‘agir comunicativo’ que exige que todos ocupem uma posição equivalente, por exemplo como homens brancos adultos de alta renda e estatuto de cidadão da *polis*. A cosmopolítica permite o diálogo exatamente pela hesitação produzida diante da diferença colocada na arena política. Não há um universo como totalidade mapeada e unificada segundo um princípio comum cosmopolitano, mas universos de sentido que são postos em choque na arena política, que *colocam em inquietação* aqueles que têm em comum apenas esse encontro, mas que compartilham uma disposição de fazer política, de produzir alguma possibilidade de ação comum diante de interesses conflitantes.

Se a ciência não pode mais ser um campo transcendental que decide a verdade sobre o mundo de fora, do exterior do espaço que seus habitantes ocupam; então parece necessário assumir que a ‘cosmologia’, a lógica do mundo ou do universo, não está escrita *a priori* para ser encontrada por uma classe tecnocrática (cientistas? médicos? economistas? metafísicos?). As verdades do mundo se decidem no mundo, na arregimentação diferencial de intérpretes, atores, diplomatas, habitantes sem voz de um cosmos desde sempre político, desde sempre dependente em sua configuração das diversas negociações entabuladas por esses atores que o habitam. Essa é uma proposta cosmopolítica.

Indo além dessa formulação stengersiana, podemos pensar a cosmopolítica ainda como “política de extração da inteligência do que existe por meio da atividade de procurar maneiras de separar o inteligível do sensível” (BENSUSAN, 2020a); ou, em deriva sobre o mesmo conceito, como uma filosofia ecologicamente habitada, campo da construção de mundos e dos modos de mantê-los; ontologia da ontologia; e continuação da disputa política nos planos da física e do cósmico (BENSUSAN, 2020b).

A política que se faz por meios cósmicos é também a política que se faz entre mundos. Quando a cosmovisão, termo tão caro para a filosofia ocidental, entra em conflito com um seu outro. Todavia aqui não cabe meramente categorizar mundos como culturas com suas cosmovisões particulares sobre o mundo comum. Cosmopoliticamente falando, importa notar os diferentes modos de constituição de mundo, importa ir além da comparação de cosmovisões rumo a uma noção do território comum enquanto produto do próprio ‘encontro cósmico’. Não se diz sobre o mesmo mundo de várias maneiras, pois isso seria delimitar o que é o mundo *a priori* (e garantir a ‘vitória política’ a esse mundo único). O mundo *se faz* de várias maneiras e se decide sobre seu sentido, sobre seu território comum, exatamente na arena política de traduções e contra-traduções, imaginações e contra-imaginações, cosmoapreensões e apreensões-contra-cósmicas.

Talvez fazer cosmopolítica seja sinônimo de fazer filosofia ecologicamente habitada, aquela que não pensa o objeto de fora de seu mundo, ou que tem no sujeito ob-jetificante a origem do mundo, sua condição transcendental. Filosofia ecologicamente habitada parece ter mais a ver com a filosofia como arena de negociação e disputa (cosmo-)política sobre a constituição dos

sentidos, objetos e mundos que coabitamos. Não é filosofia da ecologia, mas filosofia enquanto ecologia de mundos, campo da circulação do pensamento e da prática por sobre um território do desconhecido (que nos faz hesitar, que nos inquieta, como gostaria Stengers), no qual a constituição de muitos mundos é possível, e onde poderia se dar qualquer filosofia (política) da natureza ou filosofia (natural) da sociedade como modos de permitir encontros (e desencontros) transmundanos. Só uma filosofia assim ecológica pode permitir pensar as intervenções extramundanas².

Destas, fala Marco Antonio Valentim em seu livro que aborda também o cosmopolítico, porém sob o ponto de vista da sobrenatureza e do extramundano, daquilo que não cabe no natural de um mundo, e daquilo que (natural ou não) um mundo não permite nem mesmo existir. Para o autor a sobrenatureza não constitui uma “forma pré-filosófica do pensamento humano, uma pseudo-categoria, um sub-pensamento” (p.23). Essa noção é importante em sua obra para tratar mesmo do Antropoceno como “*imagem extramundana e duplo sobrenatural*” da modernidade (p.22), e para pensar a catástrofe que este período carrega sem ‘naturalizá-la’, o que implicaria “potencializar a catástrofe por recurso ao dispositivo perverso que a torna possível, mediante a despolitização das relações cósmicas e a consequente chancela do etnoecocídio”. Por isso importa pensar a “sobrenatureza da catástrofe” e, assim:

concebê-la como resultado de uma “guerra [ontológica] de mundos” (Latour 2002, Almeida 2013, De La Cadena 2015), na qual humanos e não-humanos, vivos e não-vivos, espíritos e máquinas, indígenas e alienígenas, se imaginam e contraimaginam uns aos outros, segundo metafísicas heterogêneas e incomensuráveis, como que em mútua projeção espectral. Se a divisão entre natureza e cultura é a base do cosmopolitismo moderno, a sobrenatureza consiste na forma mesma da agência político-cósmica. (VALENTIM, 2018, pp.24-5).

O campo de ‘guerra de mundos’ é aquele eminentemente cosmopolítico. Isso não significa uma apologia da guerra como método último de resolução dos conflitos cósmicos/sobrenaturais/ontológicos e, sim, um reconhecimento de que a guerra já está em curso e que há uma distribuição extremamente assimétrica do poder nesses conflitos, do que decorre que uns são capazes da aniquilação ou extinção dos demais. Reconhecer que o campo cosmopolítico é um campo de guerra parece também um primeiro passo para qualquer empreitada prática de resolução de conflitos por negociação e diplomacia (não necessariamente harmônicos, mas nem por isso comprometidos com uma mútua aniquilação).

Em uma boa ilustração do que concerne a cosmopolítica, Valentim, citando Viveiros de Castro, discute as divergências transcendentais do que chama “regimes de alteridade”, os modos

² Sobre a relação filosofia-ecologia mediada pela noção de cosmopolítica (uma política que dá voz ao cosmos; ou um cosmos que já se apresenta política e agencialmente), busco aqui pensar na expansão do limiar do filosófico e 'daqueles que podem falar do filosófico' ou cujo 'fazer pode ser chamado filosófico'. Não é filosofia como ecologia, mas filosofia ecologicamente habitada, pois esta se torna ela mesma um sistema em um ecossistema maior de composição de mundos (filosofia de uma tradição greco-cristã-euro-moderna ou filosofia *stricto sensu*), e simultaneamente se reconfigura como um ecossistema maior, espaço enriquecido de existentes outros e preche de possibilidades de outros mundos (filosofia devindo campo de circulação de ecologias de práticas). A filosofia *ecologizada* é espaço que vai muito além dos muros da *polis* e de seus tradicionais cidadãos racionais com direitos ao pensar e falar.

próprios como dadas configurações (políticas) de mundo lidam com seu outro e com pontos de vista em relações assimétricas de poder. Existe uma política dos encontros sobrenaturais que diverge entre os ‘canibais florestais’ e os ‘espíritos estatais’: entre “o encontro, na floresta, [de] humano e extra-humano, que comporta uma experiência de captura, ‘desumanização’ e metamorfose transespecífica”; e “a experiência cotidiana, totalmente aterrorizante em sua normalidade, de existir sob um Estado’, típica das sociedades modernas, na forma da inspeção policial” (p.24). Diz ainda o autor sobre as diferenças nos dispositivos de desumanização em cada mundo: “enquanto, na cidade policial, a condição de humano se define pela transcendência em relação aos polos negativos da não-humanidade (animais, coisas) e da sub-humanidade (selvagens, escravos), na floresta, a humanidade seria uma condição imanente, eminentemente transitória (animais-espíritos, humanos-monstros)” (pp.25-6).

O sobrenatural – que ora define o que não é humano, ora caracteriza o que no humano escaparia do seu outro natural-animal – é “situação em que o sujeito de uma perspectiva é subitamente transformado em objeto na perspectiva de outrem” (Viveiros de Castro, 2011, 904 apud VALENTIM, 2018, p.26), e consiste no elemento “propriamente político” que opera em mundos e no choque entre eles; “é aquilo que quase-acontece em nosso mundo, ou melhor, ao nosso mundo, transformando-o em um quase-outro mundo” (Viveiros de Castro, 2008, 238 apud VALENTIM, 2018, p.26). É o não bem cabível em um mundo, nem em outro, exatamente aquilo que nos inquieta, ou que nos faz hesitar, o desconhecido de um fundo cósmico que parece operar para além das delimitações da fronteira de um mundo, mas que ainda pode nele intervir (como a catástrofe ambiental, que é irrupção de Gaia, que é queda do céu *yanomami*). Segue o autor desenvolvendo esse conceito também em sua operacionalidade metodológica:

De fato, o conceito de sobrenatureza apresenta enorme rendimento para descrever processos ontocosmológicos que escapam à conceitualidade moderna na medida em que têm lugar na interseção de diferentes “naturezas-culturas” (Latour 1994), em “quase-outro mundo”. [...] [S]obrenatural é a experiência da própria divergência e potencial transformação entre os mundos, implicando a instabilidade essencial da condição de humano enquanto sujeito de perspectiva (Viveiros de Castro 2002a) e, logo, atingindo o sentido profundo daquilo que se compreende e realiza por “mundo”. (VALENTIM, pp.27-8)

A introdução do elemento sobrenatural no cosmos não é a experiência mística de algo além da natureza-cultura, a produção de uma cosmo-teologia. Pelo contrário, ela configura a “experiência política de um equívoco ontológico” (p.28), de um ‘colocar em igualdade sem colocar em equivalência’, nas palavras de Stengers, já que a natureza de uns pode ser a cultura de outros. A cosmologia do sobrenatural político – talvez sinônimo de uma filosofia (multi)natural que é também filosofia (pluri)cultural – é cosmopolítica.

2. Uma ontologia política?

Outra fonte interessante para pensar o campo cosmopolítico e as implicações desse modo de pensamento-ação (seria isso uma cosmopraxis?³) é o curto texto-manifesto de Holbraad, Pedersen e Viveiros de Castro na revista online de antropologia cultural (2014). Nele os autores pretendem discutir as relações entre política (tratando das diferenças de poder) e ontologia (tratando dos poderes da diferença), aventando um esquema triplo político ontológico:

(1) the traditional philosophical concept of ontology, in which “politics” takes the implicit form of an injunction to discover and disseminate a single absolute truth about how things are; (2) the sociological critique of this and other “essentialisms,” which, in skeptically debunking all ontological projects to reveal their insidiously political nature, ends up affirming the critical politics of debunking as its own version of how things should be; and (3) the anthropological concept of ontology as the multiplicity of forms of existence enacted in concrete practices, where politics becomes the non-skeptical elicitation of this manifold of potentials for how things could be – what Elizabeth Povinelli (2012b), as we understand her, calls “the otherwise.”⁴

O primeiro modo de relacionar ontologia e política seria o modo ‘tradicional’ ou ‘moderno’, onde uma única política vale por imposição dos dispositivos de poder: a política da ontologia única com suas várias leituras alternativas, crenças equivocadas de povos com suas representações de uma sobrenatureza inexistente. O segundo se refere a um construtivismo comum na tradição crítica das ciências humanas, o que os autores também criticam por acabar afirmando uma visão também única: um tipo de verdade cética da desconstrução generalizada. Já o terceiro é aquele que verdadeiramente interessa aos autores, uma política ontológica do *otherwise*, das outras maneiras possíveis de fazer consistir mundos, de gerar formas de existência com suas próprias ontologias de acordo com conjuntos de práticas concretas específicas.

Os autores insistem que seu projeto é conferir ‘peso ontológico’ ao *otherwise* para que esse possa se constituir como alternativas reais (atenção ao plural). A antropologia praticada por esses autores, portanto, não concerniria uma comparação de ontologias, mas “ontologia como comparação” e, mais desdobradamente falando: ontologia como “a dedução transcendental

³ Palavra com a qual me deparei pela primeira vez em entrevista de Alexandre Nodari e que passei a adotar (NODARI; MACHADO, 2019). Em uma fusão de *praxis* e *cosmo-visão*, passamos a compreender a própria visão de mundo como uma prática ou *praxis* que opera de modo a produzir os mundos que habitamos e, portanto, que também podemos observar ao nosso redor.

⁴ Esse texto de Holbraad, Pedersen e Viveiros de Castro possui já uma versão traduzida, cujo acesso é sugerido aos interessados (2019). Aqui trabalhamos com a versão original, consultando a tradução apenas para dúvidas específicas. Segue o trecho na versão traduzida por Rafael Antunes Almeida e Andressa Lewandowski: “1) o conceito filosófico tradicional de ontologia, para o qual a política toma a forma implícita de uma injunção para descobrir e disseminar uma única verdade absoluta sobre *como as coisas são*; 2) a crítica sociológica deste essencialismo e de outros, a qual, ao desmascarar todos os projetos ontológicos para revelar a sua insidiosa natureza política, termina afirmando a política crítica do desmascaramento como a sua própria versão de *‘como as coisas deveriam ser’*; 3) o conceito antropológico de ontologia, entendido como a multiplicidade de modos de existência materializados em práticas concretas nas quais a política se torna o conjurar não cético dos numerosos potenciais para a questão de saber como as coisas poderiam ser – aquilo que Elizabeth Povinelli (2012b), tal como a entendemos, chama de *‘the otherwise’*”.

comparativa e etnograficamente-embasada do Ser como aquilo que difere de si mesmo” [tradução livre do autor]. Ontologia e política se tornam campos sobrepostos (se não indistintos), assim como em outras discussões de autores cosmopoliticamente orientados. Na linha dessa indistinção (talvez parcial), afirmam os autores que “a política da ontologia”, enquanto “autodeterminação do outro”, é a “ontologia da política” como “descolonização de todo pensamento em face de outro pensamento”, na medida em que qualquer pensamento é ‘sempre-já’ pensamento-com-outros, pensamento-em-relação-a-outros-pensamentos.

O projeto dos autores, que acaba assim também tendo lugar dentro do amplo espaço de configurações cosmopolíticas, é embasar um pensamento antropológico que seja desde sempre político, *porque* ontologicamente orientado. A premissa maior sendo que “pensar é diferir” e que o “pensamento tem a forma de um movimento de uma ‘posição’ a outra”, e a premissa menor sendo que “diferir em si é um ato político”. A partir destas, os autores pretendem concluir (não sem polêmicas⁵) que o poder é um modo de controle dos pensamentos como produtores de diferenças; e que a “antropologia é ontologicamente política na medida em que sua operação pressupõe, e é uma tentativa experimental de ‘fazer’, diferença em si”. Essa prática antropológica seria constitutivamente anti-autoritária, pois tem por finalidade gerar perspectivas alternativas e pressionar o pensamento estabelecido para a mudança. E talvez essa proposta possa ser chamada *revolucionária*, nas palavras dos autores, se “pensamos em uma revolução que é ‘permanente’ no sentido acima proposto: a política de sustentar indefinidamente o possível, o que ‘poderia-ser’ [otherwise]”.

Mais do que concordar com essa proposta onto-política revolucionária, parece interessante pensar que, sendo uma linha teórico-prática proliferante, esta ontologia das comparações e da ativação dos campos de possibilidade existe em um campo político que se redesenha. Se a cosmopolítica é uma política que se faz por outros meios, a prática de Holbraad, Pedersen e Viveiros de Castro, é uma orientação cosmopoliticamente plausível. Bem mais difícil é pensar o que não seria uma orientação cosmopoliticamente plausível em um mundo reconcebido onde desastres naturais, catástrofes climáticas, pandemias e agentes vetores fazem cosmopolítica (de modos bem aliens aos nossos, mas que se interferem ou quiçá ‘intra-ferem’), assim como nós com nossas velhas disputas partidárias ou novas configurações organizacionais.

Se um sistema político pode ser pensado como um indivíduo – quem sabe um organismo em reorganização permanente – então no que consistiria o organismo cosmopolítico? Como esse ser pode ser revolucionado ou reinventado? E uma vez que a história política humana é reescrita como desde sempre uma disputa cosmopolítica (da invasão do ‘Novo Mundo’ e eco-geno-

⁵ A discussão nessa edição especial da revista online é muito interessante e apresenta um pouco das divergências em torno dessa proposta. Se por um lado aquilo que se convencionou chamar de virada ontológica nas ciências antropológicas parece centralmente devedor das ideias contidas nesse manifesto; por outro, é fácil reconhecer que outras referências importantes associadas ao movimento em sentido amplo têm grandes divergências entre si em nível de projeto intelectual e mesmo político. (Ver ALBERTI; BLASER; CROOK; KOHN; POVINELLI; SKAFISH; VERRAN, 2014)

epistemicídios ameríndios⁶ ao alastramento tecno-econômico-militar dos modos de existência euro-moderno-burgueses), em que medida as revoluções na história sócio-política não podem ser repensadas como revoluções histórico-naturais e sócio-cósmicas?

3. Cosmopolítica como um animal?

Deixando os termos revolucionários para tratamento em outro momento, sigo o fio do trabalho recentemente publicado como artigo de Hilan Bensusan (2021) sobre o “animal cosmopolítico”. Se a cosmopolítica fosse um animal, pergunta ele, quais seriam seus genes-memes mais marcantes⁷? Este é um modo interessante de pensar que reconfigurações o radical *cosmo-* implica para a política, imaginada como um organismo vivente – o que certamente traz consequências também para a imagem que herdamos do ser humano enquanto animal político.

Resumidamente, vale a pena verificar esses genes-memes antes de concluir nossa discussão sobre o cosmopolítico:

1. Ecologia de Práticas → a noção de Isabelle Stengers referente à difusão ecológica de práticas epistêmicas e não epistêmicas, de nichos de relações entre agentes múltiplos;
2. Estereofonia → e associadas a ela, estereoscopia, estereografia e estereologia, pois não é possível fazer apenas uma coisa só, segundo a lei de Hardin da ecologia como comentada por Hilan Bensusan;
3. Antropologia da Natureza → se os humanos têm sua ecologia, também a natureza pode ter uma certa antropologia, uma capacidade de resposta como agentes em pé de igualdade em negociações diplomáticas, como na disposição ontológica animista caracterizada por Descola (e não seriam tais disposições ontológicas modos de fazer cosmopolítica?);
4. História do *Seyn* → como chamou Heidegger a história subreptícia do ser e da capacidade de responder a ele; mas o ser que é o animal cosmopolítico tem sua origem para além da criação, ele é mais primordial que qualquer criação e seu tempo e sua história não são nem bem os do cosmos nem bem os da política humana;
5. Espectrologia → a história cosmopolítica não é tanto a da presença metafísica, mas a de vestígios, presságios, ausências e possíveis; ela se dá um tanto sobrenaturalmente, como sucessão de espectros ou de imagens aos quais não basta a mera existência carbônica;
6. Economia Geral → um modo de tratar o excesso que é o próprio cosmos (conjunto de todas as coisas), de fazer uma economia política cuja esfera de circunscrição é o cosmos, que se projeta

⁶ E aqui penso também nas possibilidades de articulação destes eventos como na proposta de investigar articuladamente o ecogenocídio dos povos afro-colombianos pelo historiador Santiago Arboleda Quiñonez (2019).

⁷ Embora em termos taxonômicos talvez fizesse mais sentido perguntar pelos seus caracteres fenotípicos – os traços que dão forma a esse animal – do que apelar a entidades genéticas ou meméticas ocultas.

ao futuro e se retroprojeta ao passado, lidando com o excesso que não se limita a um só tempo ou espaço;

7. Xenologia → ciência, filosofia, metafísica, ficção dos Outros; uma prática de preparo para o encontro, como uma etologia do animal alienígena; e plausivelmente muito próxima ou quase análoga à Xenosofia⁸.

Muitos traços têm um tal animal e, por princípio, estes não podem ser contidos em uma lista qualquer que se pretenda exaustiva. Vale ainda pensar outros predicados que podem ser atribuídos a essa inquietante noção do cosmopolítico: uma política feral, multiespécies, das coisas, das imagens, da matéria, do cuidado e da atenção ao fazer mundos, pluriversal, xenogenética, teratológica ou monstruosa⁹. A título de encaminhamento para um fim – contudo temporário – tentaremos condensar a discussão e possíveis definições dessa tão complexa noção.

4. ‘Sabores’ cosmopolíticos para a política de mundos outros

A cosmopolítica é um evento e um movimento que se põe em ação nas searas do debate filosófico associado também a uma série de viradas (ou giros) nos campos de pesquisa antropossociais (das ciências humanas e sociais), incluindo aí as que se convencionou chamar de virada especulativa, ontológica, material e mesmo decolonial. Sua proposta perpassa um deixar-se invadir do campo do pensamento filosófico por pensamentos não-filosóficos, associados a outras práticas, mas também vindos de outras matrizes, nem euro-modernas nem greco-latino-cristãs. Pensares também não-humanos (ou não-humanistas?), capazes de gerar novos modos de existência, o que tem um propósito político diante da associação dos modos de vida moderno-capitalistas e a catástrofe ambiental em curso.

A cosmopolítica se preocupa também com ficcionalizações e construções coletivas de verdades, modos de fazer mundos por vinculações outras entre o Cosmos e o Político, o Natural e o Social. Daí a validade de uma tentativa de mapear as possibilidades de vincular o cósmico e o político, principalmente quando a geopolítica global coloca todo o ‘Sul’ como um terceiro (mundo) excluído; resta, assim, fazer dessas sobras do mundo único alimento para a expansão e articulação de ‘entre-mundos’ (os *intermundia*) desde as margens: produzir desde os trópicos

⁸ Partindo de reflexões aceleracionistas, xenofeministas e ciborguianas, cheguei a um ponto similar, sobre a necessidade de desenvolver pensamentos alienígenas ou estrangeiros, de fazer xenosofia contra a filosofia, ou de pensar xenologicamente como modo de revitalizar a filosofia pela incorporação do ponto de vista do outro/alien/inimigo (uma temática de ecos deveras canibalísticos, quando nos permitimos ouvir suas ressonâncias). Por isso sugiro essa filiação cruzada, analogia convergente ou infecção horizontal entre o meme Xenológico do animal cosmopolítico de Bensusan e essa prática Xenosófica que tentei explicitar em outro lugar (FERREIRA, 2021).

⁹ Uma série de predicados tomados emprestados à torto e a direito das falas do último colóquio Primavera Cosmopolítica de Abya Yala em La Plata ou Colóquio Cosmopolítica II (2020a; 2020b; 2020c; entre outros), uma importante referência nesse novo cenário que se desenha (ou que se busca invocar por novas práticas e formas de pensar/agir/sentir, exigindo por sua vez outros modos de citar).

nossa própria cosmopolítica antropofágica, proposta muito pertinente, mas cuja discussão está além do escopo deste trabalho¹⁰.

Finalizo essa breve introdução ao tema com uma última tentativa de aproximação de uma definição, como modo de deixar aqui um registro, por mais parcial e transitório que possa ser, das últimas configurações nesse campo extrafilosófico, pois que extrahumano e talvez extramundano: Cosmopolítica, podemos dizer, é aquilo que traz problemas à divisão tradicional entre o *Cósmico* ou natural e o *Político* ou social, aquilo que faz pensar na medida em que interrompe os procedimentos padronizados, aquilo que exige tomar visões outras (além do Tecno-Capitalismo-Científico) no momento de decidir (*cosmopolítica com 'sabor' Stengers-Latour*); também é o fato de que o que pode ser considerado estritamente 'cósmico' e não-pessoal ou não-político, pode constituir um agente político convencional em outros arranjos sócio-cósmicos (*cosmopolítica com 'sabor' Valentim-Viveiros*); ainda, é a implicação, em parte consequente das anteriores, de que fazer ontologia pode ser desde sempre uma atividade política (*cosmopolítica com 'sabor' virada ontológica*); e, por fim (quem sabe...), também se refere ao fato de que sem barreiras natureza/cultura, só há cosmopolítica, porque a atividade antro-po-lítica sempre já implicaria relações cosmológicas e cosmopráticas (o que se faz para e com o cosmos) com nossos companheiros simpoiéticos e camaradas não-humanos, mais-que-humanos, humíferos etc (*cosmopolítica com 'sabor' Haraway-chthônica*¹¹).

Agradecimentos

Agradeço ao PPGHCTE pela minha formação transdisciplinar ao nível do mestrado e ao PPGF/UFRJ pelo espaço para dar prosseguimento a minhas pesquisas. Agradecimentos especiais também são devidos ao GT de Ontologias Contemporâneas da ANPOF, onde meu interesse pelo tema se iniciou, assim como aos professores Filipe Ceppas e Fernando Fragozo cujas aulas ao longo do doutorado foram o espaço ideal para desenvolver e aprofundar essas questões. Agradeço também aos revisores que porventura se depararem com esse trabalho por suas críticas construtivas e comentários que possam ajudar no avanço de minha pesquisa.

¹⁰ Vale, entretanto, apontar para as possíveis conformações cosmo-político-partidárias que se têm debatido (BENSUSAN, 2020c; PINTO NETO, 2020; 2021).

¹¹ Os chthônicos são criaturas invocadas por Donna Haraway, seres das profundezas da Terra que emprestam o nome a esse período geológico de incertezas que ela chama Chthuluceno. Assim ela os descreve em sua linguagem de difícil tradução: "*Chthonic ones are beings of the earth, both ancient and up-to-the-minute. I imagine chthonic ones as replete with tentacles, feelers, digits, cords, whiptails, spider legs, and very unruly hair. Chthonic ones romp in multicritter humus but have no truck with sky-gazing Homo. Chthonic ones are monsters in the best sense; they demonstrate and perform the material meaningfulness of earth processes and critters.*" (HARAWAY, 2016, p.2)

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- ALBERTI, B. Archaeology, Risk, and the Alter-Politics of Materiality. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/archaeology-risk-and-the-alter-politics-of-materiality> Acesso em 12 fev. 2021.
- ARBOLEDA QUIÑONEZ, S. Rutas para perfilar el ecogenoetnocidio afrocolombiano: hacia una conceptualización desde la justicia histórica. **Nómadas**, n. 50, p. 93–109, 2019.
- BENSUSAN, Hilan. **Cosmopolítica geral e cosmopolítica restrita do animismo e do inumanismo (Palestra)**. In: IV ENCONTRO GT ONTOLOGIAS CONTEMPORANEAS, Porto Alegre. 2019.
- BENSUSAN, Hilan. O capital transversal e seus rebentos atrativos - ou A Infância das Máquinas. **Direitos, Trabalho e Política Social**, v. 6, n. 10, p.88-109, 2020a.
- BENSUSAN, Hilan. Los partidos cosmopolíticos del paraíso artificial y de la infancia de las maquinas. **Das Questões**, v. 8, n. 1, p. 31–50, 2020b.
- BENSUSAN, Hilan. The cosmopolitical parties in the post-human age. **&&& - TripleAmperSand**, 2020c. Disponível em: <https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/> Acesso em fev. 2021.
- BENSUSAN, Hilan. La cosmopolítica es un animal. **Das Questões**, v. 8, n. 2, 2021.
- BLASER, M. The Political Ontology of Doing Difference... and Sameness. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/the-political-ontology-of-doing-difference-and-sameness> Acesso em 12 fev. 2021.
- COLÓQUIO COSMOPOLÍTICA II. **Conferencia Inaugural + Presentación de Libros**. Canal das questões (Youtube), 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5VCCAICzEi8>>. Acesso em fevereiro, 2021.
- COLÓQUIO COSMOPOLÍTICA II. **Conferencia de Clausura - Espécie & Monstro - Marco Antonio Valentim**. Canal das questões (Youtube), 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YnqTKYslg8&t=501s> Acesso em fevereiro, 2021.
- COLÓQUIO COSMOPOLÍTICA II. **La cosmopolítica: qué es y por qué hacerla**. Canal das questões (Youtube), 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJDPrgi5Hhw&t=7s> Acesso em fevereiro, 2021.

CROOK, T. Onto-Methodology. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/onto-methodology> Acesso em: 12 fev. 2021.

FERREIRA, M. H. da M. Exercícios em Xenosofia: Fazendo Aliados-Parentes entre Aliens e Cyborgs contra o Capital. **Das Questões**, v. 12, n. 1, 2021.

HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A.; VIVEIROS DE CASTRO, E.. The Politics of Ontology. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/series/the-politics-of-ontology> Acesso em 12 fev. 2021.

HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A política da ontologia: posições antropológicas. **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 1, 2019.

KOHN, E. What an Ontological Anthropology Might Mean. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***. 2014. Disponível em: <<https://culanth.org/fieldsights/what-an-ontological-anthropology-might-mean>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NODARI, Alexandre.; MACHADO, R. Transformar-se em nós-outros - Entrevista com Alexandre Nodari. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v. xix, n. 543, p. 23–30, 2019.

PINTO NETO, Moysés. Política Especulativa: Conexões entre Virada Ontológica e Imaginários Futuristas. In: **Colóquio Cosmopolítica II**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJDPrgi5Hhw&t=7s> (entre 27-52'). Acesso em 12 fev. 2021.

PINTO NETO, M. Quatro Cosmogramas: cartografando as guerras contemporâneas. **Dystopia**, v. 8, 2021. Disponível em: <https://dystopiamag.com/quatro-cosmogramas-cartografando-as-guerras-contemporaneas/> Acesso em: fev. 2022.

POVINELLI, E. A. Geontologies of the Otherwise. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014 Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/geontologies-of-the-otherwise> Acesso em 12 fev. 2021.

SKAFISH, P. Anthropological Metaphysics / Philosophical Resistance. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/anthropological-metaphysics-philosophical-resistance> Acesso em 12 fev. 2021.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442–464, 2018.

VALENTIM, Marco Antonio. **Extramundandade e sobrenatureza: ensaios de ontologia fundamental**. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2018.

VERRAN, H. Anthropology as Ontology is Comparison as Ontology. **Theorizing the Contemporary, *Fieldsights***, 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/anthropology-as-ontology-is-comparison-as-ontology> Acesso em 12 fev. 2021.